

Um exercício de escuta e reflexão: O luto, as práticas docentes e as percepções das crianças na pandemia de Covid-19

Joceane da Silva Machado*

Karen Luciélen Pereira Rodrigues**

Mariana Borges Lemes***

Introdução

Nós, brasileiros e brasileiras, começamos a sentir o efeito das consequências mundiais da pandemia de Covid-19 em março de 2020 e desde aquela data fez milhares de vítimas. Nesse cenário, as escolas foram fechadas e os professores e as professoras enfrentaram e ainda enfrentam o ensino remoto e, conseqüentemente, a sobrecarga e os desafios dessa nova realidade. O retorno para a presencialidade, nas escolas públicas municipais de Santa Maria, foi possível de ser iniciado em meados de novembro de 2021. Nos primeiros encontros presenciais, algumas crianças demonstram os efeitos do distanciamento da escola tanto na aprendizagem como no processo de desenvolvimento. Essa percepção revela, por um lado, a ineficiência de políticas públicas voltadas ao atendimento das crianças durante esse período de pandemia e que pudessem alcançar as crianças e suas famílias, já que algumas necessitam acompanhar seus familiares na busca por alimentos em carroças e outras não possuem o acesso necessário para consolidar seus estudos. Com isso, evidenciamos a essencialidade da escola e a necessidade de mantermos a educação como prioridade na sociedade.

* Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professora da Rede Municipal de Santa Maria/RS.

E-mail: joceane.machado@prof.santamaria.rs.gov.br

** Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Integrante do grupo FILJEM- Grupo de Pesquisa em Filosofia, Cultura e Educação- CNPq e, atualmente, bolsista de iniciação científica com a temática formação de professores e relações de gênero.

E-mail: karenlucielenro@hotmail.com

*** Acadêmica de Licenciatura Plena em Pedagogia Diurno, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Membro do FILJEM- Grupo de Pesquisa em Filosofia, Cultura e Educação.

E-mail: mariblemes@hotmail.com

Por meio das tecnologias, foi possível continuar o processo educacional das crianças brasileiras, que, apesar de existir algumas controvérsias sobre a qualidade dessa educação oferecida, permitiu que as crianças e professores pudessem manter contato, na medida do possível, mantendo o vínculo com a escola, seus professores e alguns colegas. No entanto, percebemos que, para as crianças, há um sentimento que extrapola o limite da convivência entre telas: a saudade dos espaços, tempos, momentos de brincar, de interagir. A presença através das telas oferece risco ao desenvolvimento com plenitude, de experienciar momentos como as trocas afetivas entre seus pares e adultos no ambiente escolar.

Neste sentido, entendemos que esse processo adentra as percepções de luto pelas crianças e seus familiares, compreendendo o conceito de luto também como a saudade de momentos que não puderam ser vividos, além do luto da percepção da morte, como vem sendo atravessada na vida de muitas crianças. Nesse tempo, convivemos com crianças que perderam familiares, com notícias de morte transmitidas pelos meios de comunicação de massa, de acesso aberto e livre para todas as crianças.

Elaboramos esta escrita tendo, como objetivo, compreender a percepção do luto a partir do diálogo e escuta das crianças e das nossas narrativas como educadoras. Consideramos, como fonte, as observações e os registros dos acontecimentos vivenciados na prática pelas três autoras, cada uma fazendo observações e narrativas escritas que identificamos de acordo com a ordem das autoras e com os desenhos das crianças a que tivemos acesso e que se tornam dados empíricos para as reflexões empreendidas por nós à luz de referenciais teóricos alinhados à Sociologia e Pedagogia da infância, tais como BNCC (2017), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) Manuel Sarmiento (2003), Jorge Larrosa (2016), Luciana Ostetto (2008), Maria Júlia Kovács (1992, 2005), entre outros. A escrita foi realizada de forma colaborativa entre uma professora em contexto de educação pública de Santa Maria, uma auxiliar em contexto de educação privada de Santa Maria e acadêmica do curso de pedagogia, sendo que a terceira, também acadêmica, realizou estágio curricular obrigatório em contexto de educação pública de Santa Maria. As narrativas das docentes e desenhos (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005) das crianças são materiais empíricos que dialogam com referenciais teóricos para a discussão.

Para melhor compreender o que as crianças vêm elaborando nesses últimos meses, propomos, além do diálogo com o cotidiano da sala de aula, o registro por desenho. Com isso, as produções partiram das crianças, que preferiram expressar

seus sentimentos pelo desenho e não pela escrita, ou outra forma que pudessem registrar. Assim, é possível perceber como expressam suas singularidades e até mesmo podem ressignificar o vivido. Dessa forma, consideramos o desenho da criança um artefato cultural, o qual cria a possibilidade de entender o que a criança observa naquele momento na sociedade e ao seu redor.

Consideramos os desenhos infantis como parte dos dados para essa pesquisa e optamos por referenciar as crianças somente pela letra inicial de seus verdadeiros nomes, entendendo de acordo com Barbosa (2014) que a identidade e idoneidade infantil devem ser preservadas por uma questão de ética como pedagogas e pesquisadoras das infâncias.

Os desenhos de algumas crianças que estavam no quinto ano enfatizam as suas presenças, situados a partir da agência da criança e do acolhimento de suas linguagens, entre estas, o desenho, visto também como modo de comunicação e expressão da criança. Nos desenhos, percebemos que o recreio, o encontro com o colega e o ambiente escolar foi recorrente nas narrativas das crianças e nos desenhos delas, que parecem expressar as saudades, a falta que escola e as interações fizeram na vida dessas crianças no tempo de isolamento físico imposto pela pandemia.

As infâncias e o luto: Aspectos históricos e ritos ausentes

A ciência assimilou o conceito de vida e sabe como operar com ele, como analisar e interpretar o vivo, mas ainda não se conseguiu dominar o conceito de morte. No lugar desse conceito entreabre-se um oco, um lugar vazio (VYGOTSKY, 2004).

Com o passar dos anos, em nossa vida, passamos por diversas situações que podem ser configuradas como perdas. Segundo o ciclo vital, nascemos, vivemos a infância, a adolescência, tornamo-nos adultos, envelhecemos e morremos. No entanto, quando falamos em luto não se trata apenas da morte, há várias perdas que nos causam sentimentos diversos que podem ser consideradas como luto. Para uma criança estar em luto implica situações como: a separação dos pais, a troca de escola ou ainda, como atualmente, não poder ir até essa instituição. Além da inacessibilidade do não poder ver um amigo querido, um familiar como os avós, que, com o atual contexto, mantiveram-se isolados, como perder um brinquedo que gostava muito,

mudar de cidade, etc. Essas são experiências de perdas simbólicas que atravessam as vivências de cada um de maneira diferente, sendo que, para Silva (2011 apud BERNZ 2012, p. 07) “[...] o luto é um processo, é um momento para elaboração da perda seja ela por morte ou não, sendo o luto reconhecido aquele por perda familiar”. Contudo, os adultos tendem a afastar esse processo das crianças, procuram evitar que elas vivenciem essa experiência, mas o luto perpassa às infâncias de alguma forma.

Para Kovács (2005), é necessário que se entenda os rituais e as diferentes formas de encarar a situação de morte e de luto no cotidiano das pessoas, para que nós, enquanto professoras, possamos aprender com esse processo indissociável da vida dentro da escola. Em um tempo, em que a morte está presente e a ausência da escola tornou-se concreta, faz sentido tomar esse tema como mote de reflexão, considerando que hoje ainda há, como agravante, a inviabilidade de muitos ficarem impossibilitados de viverem os ritos da morte, uma vez que os mortos pela pandemia têm o rito encurtado em tempo e em presença de pessoas.

Assim posto, trazemos uma noção histórica da temática sobre o luto. Durante a Idade Média, entre os séculos IX e X, em que havia uma naturalidade em lidar com a morte, segundo Ariès (1977), quando as pessoas sentiam que estavam prestes a morrer, recolhiam-se em suas casas e pediam para que seus familiares e amigos estivessem por perto para a sua despedida. Dentre esses familiares, não ficavam excluídas as crianças que participavam de todos os momentos de despedida, “[...] a morte era vista sem muita dramaticidade, ela fazia parte do cotidiano, era uma morte domada pelas pessoas” (BERNZ, 2012, p. 12). Notamos que, pelo fato de as manifestações ocorrerem no espaço de convívio mais íntimo da família ou em ambientes de convívio coletivo, diminuía-se a tensão da perda. Tomamos, como exemplo, as formas como ocorriam os sepultamentos, que, segundo Melo (2008), eram feitos em pátios de igrejas localizadas no centro das cidades, lugar em que também acontecem diversas festas populares. Dessa forma, fica evidente que presenciar esses momentos proporciona também uma forma de auto responsabilização, gerência das próprias emoções, pois entendemos que esse processo faz parte das vivências como seres humanos, como um ritual necessário de ser vivido por todos.

Philippe Ariès (1977) traz ainda que, durante o período medieval, os rituais e manifestações nos momentos de despedidas eram feitos de maneira livre, favorecendo as vivências do luto tanto para os adultos quanto para crianças que podiam despedir-se de familiares, acompanhar velórios de vizinhos e, conseqüentemente, fazer parte do ritual. Entretanto, com o passar dos anos, foi havendo um distanciamento da concepção da morte como uma concepção que

continua fazendo parte das nossas experiências. Afastam-se os cemitérios dos centros e, como consequência desse afastamento, passa-se a gerar um incômodo quanto à ideia de dividir espaços em lugares habitados por pessoas mortas. Portanto, quanto mais se gera o distanciamento da naturalidade da morte, mais as crianças são retiradas dessas vivências e da possibilidade de elaboração dela.

Ao preocupar-se com o que aconteceria após a morte, muda-se ainda mais a relação com ela, ganhando um sentido “[...] dramático e pessoal com uma percepção familiar, deixando de ser coletiva passando para uma preocupação mais individual” (BERNZ, 2012, p. 14), começando a ser temida, em suas diversas formas. Assim, já não era mais interessante olhar para os corpos expostos em velórios, passando a gerar incômodos profundos. A percepção sobre a morte modifica-se intensamente, as crianças e adolescentes já não fazem mais parte desse momento. A morte transforma-se em tabu: “[...] a morte sai das casas, onde era cercada pela família, pelos amigos, para ser hospitalizada. Os rituais de despedida do leito, os acertos de contas com a vida, o sacerdote para rezar, acabaram-se” (BERNZ, 2012, p. 15). Assim, para Melo (2008, p. 40), o luto passa a ser solitário e sua demonstração é tratada quase que de forma vergonhosa.

Embora haja tentativas de afastamento das crianças desses momentos, a morte e o luto são companheiros cotidianos, bem como expressa Kovács (2005), visto que está presente na televisão com cenas de violência e doenças como a que estamos vivendo atualmente. Com isso, “[...] a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbólicas), reina uma conspiração do silêncio” (KOVÁCS, 2005, p. 486). E o luto? Ainda mais presente, perambulando entre a saudade de algo concreto, como a perda de um familiar, e o simbólico, como a saudade dos momentos, da convivência e dos espaços. As crianças, mais do que nunca, estão submersas nesse sentimento. Sujeitos pertencentes à sociedade, “[...] são crianças concretas e contextualizadas, são membros da sociedade; atuam nas escolas, nas famílias, nas creches, e em outros espaços, fazem parte do mundo, o incorporam” (FARIAS, 2011, p. 41). As crianças estão acompanhando os noticiários nacionais e locais, além dos comentários dos adultos, sobre essa pandemia. Também vivenciam a saudade da vida que conheciam, dos abraços da professora, das brincadeiras com os amigos, da pracinha da escola, as crianças estão atravessando o luto assim como os adultos.

Esse contexto narrativo expressa como a pandemia pode aprofundar mais algumas questões de violência familiar, isolamento sociocultural, individualização,

adultização infantil e falta de meios naturais na educação de crianças, além do tempo alongado frente às telas (AUTORA 3).

O processo de luto antes vivido de forma coletiva, em que todos vestiam roupas pretas, velavam e sofriam pelo ente amado no cômodo de casa, faziam visitas ao túmulo no dia 02 de novembro, hoje representa práticas esquecidas e abandonadas. Neste sentido, o luto, atualmente, é sofrido e vivido de forma individual (TOMASI, 2013), uma vez que, após o enterro, a vida segue e poucas pessoas permitem-se vivenciar, com todas as fases, o processo de luto, que são em cinco (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), conforme Elisabeth Kubler-Ross (1969). A tristeza, por um longo período, pode gerar distúrbios mentais, hoje não existe mais o tempo da elaboração de eventos significativos como a morte, a banalização do tempo não permite que o trabalhador tenha direito à folga, no máximo, quando é parente próximo tem o direito de alguns dias. Isso faz com que tenhamos a experiência de morte com superficialidade, o que conduz a doenças que prejudicam a nossa saúde mental (FONTES et. al., 2020), de modo que o indivíduo não percebe, porque está alheio a si e às suas emoções, também porque, durante a pandemia de Covid-19, os velórios e enterros não são vivenciados pela maior parte da família, por causa do risco de contágio¹, o falecido era sepultado praticamente sozinho.

As crianças e famílias vivenciaram momentos de funerais com pouquíssimas pessoas, com distanciamento, em que o abraço, o afago de consolo não foi possível e de que o luto foi vivido por grande parte da humanidade, uma dor comum. Por isso, este estudo pode contribuir para que repensemos como trabalhamos a temática da morte, dos ciclos de vida, da efemeridade da vida e dos momentos presentes na educação com crianças, tendo em vista que são seres sociais e, assim, pertencem a uma cultura e sociedade, não deveriam estar à margem dos acontecimentos.

As práticas docentes no ensino remoto

Após diversos pareceres e decretos que orientam o ensino remoto e híbrido, atualmente, vivenciamos uma realidade de ensino presencial (com ressalva às crianças com comorbidades). O ensino remoto na educação com crianças, em acordo com a

¹ Disponível em:

<https://www.fiocruzbrasil.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAdade-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

escola e comunidade da qual partem essas narrativas, ocorreu a partir de atividades enviadas em forma de documento em formato de PDF, no qual constavam propostas educativas das diferentes áreas do currículo emergencial a fim de que tivessem tarefas para a semana toda, pensando em uma hora de aula por dia. As propostas eram enviadas no grupo de *Whatsapp* da turma e na plataforma do *Classroom* do Google utilizado na educação do município de Santa Maria/RS.

Os encontros entre crianças e professora ocorriam via *Google Meet*, semanalmente, com tempo de duração inferior a uma hora, visto o desgaste e o desinteresse das crianças a partir de algum tempo em tela.

Para os docentes, os desafios também estão presentes no ensino híbrido articulado ao remoto, pois aumenta ainda mais a demanda nessas duas modalidades de ensino, aumentando mais a necessidade de reflexão e valorização destes profissionais. Assim, mesmo diante dos desafios impostos, o professor necessita escutar as crianças e auxiliá-las a construir o seu próprio processo de aprendizagem, mesmo diante dos desafios que a pandemia tem nos trazido (AUTORA 1).

Na educação com crianças, faz-se necessário buscar a “[...] consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender” (BNCC, 2017, p. 59). De modo a construir um percurso contínuo de aprendizagem, evitando rupturas durante as transições e proporcionando espaços para ser criança. Ainda precisamos considerar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), as quais enfatizam que o eixo do currículo é as interações e as brincadeiras.

Nos encontros virtuais e áudios compartilhados no grupo do *Whatsapp*, foi possível aproximarmos-nos das crianças pela escuta e observação sobre como se sentem, do que têm interesse em estudar e brincar. Consideramos aqui o brincar como “[...] produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais” (BNCC, 2017, p. 36).

Na educação infantil, o encontro tornou-se ainda mais angustiante, pois a interação da forma como ocorria na presencialidade não é mais a mesma e até o brincar precisa ser estimulado de forma individual ou com a presença de familiares, o que, para as crianças, é muito distante do que acontecia quando estavam na escola.

Por isso, as crianças também tinham expectativa do retorno. De fato, poder aos poucos possibilitar o retorno às crianças na escola é um ganho para suas aprendizagens e desenvolvimentos enquanto sujeitos que necessitam da interação.

Os desenhos das crianças possibilitam que possamos interpretar como a interação e a brincadeira fizeram falta no cotidiano sem aulas, sem colegas, sem professores, sem escola que a pandemia impôs. Neste trabalho, trazemos alguns desses desenhos como forma de narrativa das crianças, com lugar de fala de quem vivenciou tempo de privação de oportunidades de ser criança.

A partir deste ponto do texto, traremos as nossas narrativas e as das crianças, a fim de elucidar o diálogo entre crianças e professoras neste trabalho que pretende investigar o luto e as crianças no processo de ensino remoto, híbrido de volta ao retorno presencial.

Na continuidade do artigo, apresentaremos, com nossas reflexões, excertos de narrativas nossas, construídas a partir de algumas de nossas experiências e, através delas, construiremos um exercício reflexivo sobre aspectos que consideramos mais importantes. Também traremos imagens de desenhos das crianças de momentos que elas vivenciaram com suas famílias enquanto estavam afastadas da escola. Os desenhos tratam sobre as saudades das crianças do ambiente escolar e dos seus pares durante o isolamento físico vivido na pandemia de Covid-19.

Exercício de escuta e reflexão: Narrativas de crianças e professoras

O som das crianças indo pra escola convence. O feijão germina no algodão, a vida sempre vence. Nuvens curiosas, como são. Emicida - A ordem natural das coisas².

A docência é uma prática desafiadora e torna-se impossível conceituá-la sem iniciar dizendo que o que move uma professora é o estudo, mas também o afeto e a interação, que se tornou limitada em tempos de pandemia. A distância física não anula ou diminui as nossas relações, porém nos impede de construir um contato mais próximo às crianças, por meio do encontro físico e da corporeidade. Neste sentido,

² Música “A ordem Natural das Coisas”, composta por Emicida. Disponível no álbum Amarelo: A Ordem Natural das Coisas (part. MC Tha) - Emicida - VAGALUME. Acesso em: novembro de 2021.

essa nova dinâmica permite a percepção de que nos modificamos todos os dias, (re) aprendemos e desenvolvemos estratégias de resistência. Essa resistência perpassa pelos caminhos da docência, que possibilita um reencontro com o aprender e o ensinar diante dessa nova realidade em que estamos vivendo nossas práticas docentes.

As demandas dos dias de ensino híbrido sobrecarregam-nos, exigindo uma prática educativa distinta do que vivenciávamos em tempos de presencialidades. Os celulares dos professores e das professoras não são mais um acessório exclusivo de uso pessoal, uma vez que, nele, estão as angústias de famílias e dos colegas, que estão passando pelas mais diferentes condições e que, através desse aparelho, expressam, em forma de escritas, imagens, vídeos e áudios, algumas demandas vivenciadas na educação em contexto pandêmico, tempos que o mais encantador no espaço escolar é nos privado por um vírus invisível.

Muitos docentes vivenciaram transtornos de comportamento e distúrbios de saúde mental, porém, quem compreende o que realmente vive um professor na pandemia?

O ensino remoto trouxe-nos as aulas on-line e, a partir delas, observamos que as crianças queriam aulas dinâmicas, que as aproximasse enquanto turma. Diante desse contexto, as docentes buscaram, em alguns encontros virtuais, promover momentos de escuta dos sentimentos das crianças ainda nos períodos em que a escola estava fechada. Nesses momentos de escuta, ocorridos no mês de abril de 2021, era notável a saudade das crianças das interações realizadas na escola. As crianças entendiam esses momentos de fala como uma possibilidade de expressar sentimentos e angústias sentidas no período em que estavam em casa, como também viviam casos de Covid-19 na família, além do próprio distanciamento de seus pares. Essa relação com a escuta e fala das crianças era refletida pelas professoras e conduzia-as a perceber a ausência que o convívio no ambiente escolar estava interferindo nas vivências das crianças. Essas interações eram as trocas entre as crianças, como a hora do recreio, o futebol na quadra, o encontro com os amigos e na sala de aula.

Para melhor compreender o que as crianças vêm elaborando nesses últimos meses, propusemos, além do diálogo com o cotidiano da sala de aula, que as crianças expressem suas narrativas através dos desenhos.

O desenho é um importante meio de comunicação e representação da criança e apresenta-se como uma atividade fundamental, pois a partir dele a criança

expressa e reflete suas idéias, sentimentos, percepções e descobertas. Para a criança o desenho é muito importante, é seu mundo, é sua forma de transformá-lo, é seu meio de comunicação mais precioso (GOLDBERG; YUNES; FREITAS, 2005, p. 102).

A ética na pesquisa com crianças perpassa o entendimento destas como sujeitos ativos, com lugar social e voz na produção de narrativas que possam demonstrar como afetam e são afetadas pelo que ocorre no meio social em que estão inseridas. Ressaltamos que:

As pesquisas com crianças podem oferecer um espaço de transformação para os seus interlocutores, que saem da visão das crianças como seres frágeis, incapazes e chegar à visão de que são sujeitos que exigem proteção e cuidado mas que, paradoxalmente, possuem potência (BARBOSA, 2014, p. 244).

Neste sentido, buscamos sempre ouvir as crianças, tanto nos encontros virtuais quanto no retorno de forma híbrida da escola. Assim, o registro do luto por meio do desenho surgiu em um momento em que estavam sendo refletidas em aula as perdas que o vírus tinha ocasionado, também estavam sendo realizadas leituras e pesquisas sobre os impactos da pandemia. Nesse contexto, a professora relembrou as conversas nos encontros virtuais e fez a problematização às crianças, perguntando o que sentiam falta com relação a escola, pois, em conversas anteriores, já haviam relatado esse vazio que o ambiente escolar ocasionava em suas vidas, o luto seria, sim, para as crianças uma forma de perda, para as professoras, formas de interrogações.

O sentimento que perpassa, nesse período de ensino remoto, é um cansaço extremo, de tantas demandas, muitas delas que nunca havia presenciado anteriormente, cansaço de não ter mais tempo para minhas próprias reflexões sobre as práticas pedagógicas. Outra angústia é não saber quando terei minhas salas repletas de interações, pois o próprio ensino híbrido é permeado pelas incertezas e não nos permite o que mais nos move no espaço educativo, que são as interações. Enquanto docente de duas turmas, de Educação Infantil e Anos Iniciais, percebo que o Ensino Híbrido gera angústias, expectativas e muitos desafios. Primeiramente, pela volta presencial ser uma opção da família e a manutenção do ensino remoto está prevista para todo o ano de 2021. As crianças ao retornarem para escola, mesmo ainda sendo em minoria, se realizam pelo fato de ter voltado ao espaço escolar, mas se angustiam em presenciar mesas distantes, espaços ao ar livre suspensos e, principalmente, por não poder interagir diretamente com seus pares (AUTORA 1).

Os encontros virtuais com a turma foram espaços para trocas e para perceber que o luto está presente nas perdas diárias que as crianças tiveram com a ausência da escola. No mês de abril de 2021, em experiências do encontro virtual com a turma de quinto ano da professora Joceane, que iniciou a aula perguntando às crianças como estavam se sentindo com relação a esse período de afastamento, uma das crianças, aqui denominada como (**L**), por exemplo, disse que estava entediado na pandemia, porque, antes dessa fase pandêmica, ela tinha uma rotina de futsal com o colega P pela manhã, aula de tarde e atividades coletivas no Centro de Tradições Gaúchas de noite (dançava no grupo Mirim). Logo após a conversa inicial, a professora solicitou que as crianças pensassem sobre o assunto e desenhassem algo. Um dos desenhos é o que se pode ver abaixo e, ao vê-lo, causou estranhamento perante a expectativa da professora. A imagem pode ser entendida de forma metafórica como ‘um silêncio que ecoa’ dessa narrativa da criança **L**³, não há elementos que indiquem interação, há o lugar onde está ‘a casa’.

Figura 1 - Desenho da escola



Fonte: Acervo da profª Joceane.

Em relação à experiência com a Educação Infantil:

³ Codinome para preservação da identidade das crianças participantes.

Minha docência se faz em uma turma de Educação Infantil, que há mais de um ano não vivencia interação e a troca direta com seus pares no espaço da escola, que sente a falta do encanto que a escola promovia no seu cotidiano. Falta da grama molhada, da areia tocando seus pés, da interação com seus colegas e do abraço apertado da professora. Nesse sentido, torna-se necessário ressaltar que essa turma, mesmo diante das adversidades promovidas diretamente pela pandemia, está vivenciando, através do ensino remoto, uma proposta pautada pela ludicidade e pelas interações virtuais (AUTORA 1).

Nos primeiros encontros presenciais em meados do ano de 2021, com parte da turma que optou por voltar à escola, percebemos, de imediato, que a escola não era mais a mesma para elas. O fato de não ter mais o recreio e a quadra para o esporte, por exemplo, entristeceu o olhar das crianças. Naquele momento, realizamos uma conversa com a turma e, na oportunidade, surgiu a vontade das crianças expressarem-se através de desenhos. Foi cogitada a hipótese do que elas mais sentem falta da escola antes da pandemia e, sem espanto nenhum, vieram relatos da falta do pátio, do recreio, da quadra e do convívio com os colegas, possível de observar na imagem que segue.

Figura 2 - Desenhos do recreio



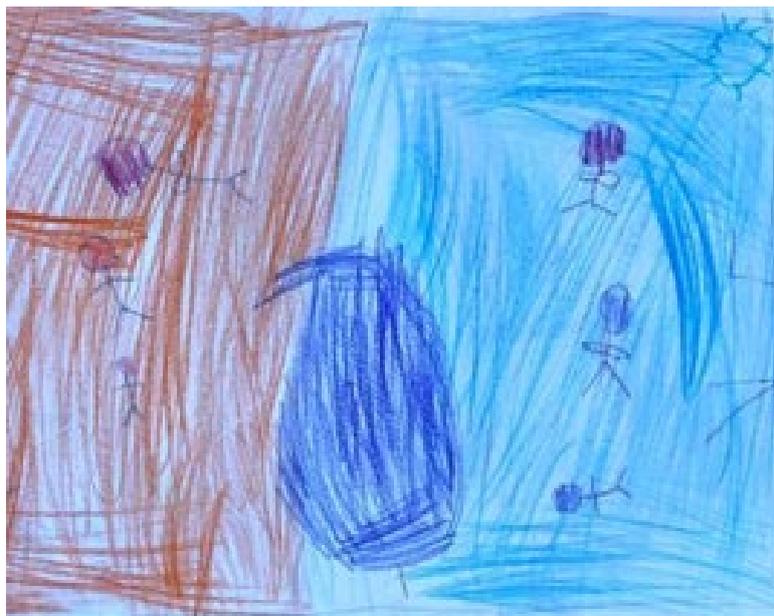
Fonte: Acervo da profª Joceane.

Aqui a narrativa de outra autora:

Toma-se o recreio como porta para extrapolar os limites impostos pela pandemia, aqueles carregados de não, “não pode trocar materiais, não pode chegar perto, não pode ir na classe do colega etc.”, tornando esse momento um espaço que vai além do brincar, mas também como território de disputa na escola, o recreio como espaço político, o qual visibiliza o querer das crianças mesmo que ainda com todos os protocolos envolvidos. A vontade de estar na escola é intensa, como um resgate do tempo que não foi vivido, muitas coisas para serem contadas e a ânsia de aprender coisas novas (AUTORA 2).

Neste último desenho, podemos notar que a representação realizada pela criança **A** é do espaço externo da quadra de esportes, em que rabiscou alguns jogadores e diferenciou-os em times pelas cores que pintou cada lado da quadra. Assim como alguns dos outros colegas também desenharam, a quadra de esportes, opção mais do que eleita como saudades da turma. Notamos que a criança soube enumerar a mesma quantidade de jogadores para cada time, evidenciando a diferença pelas cores pintadas de laranja e azul (são as cores da quadra da escola), para cada lado, assim como o formato circular que demarca o centro da quadra de esportes.

Figura 3 - Desenho da quadra de esportes



Fonte: Acervo da prof^a Joceane.

Os desenhos das crianças parecem indicar e/ou denunciar a sensação de luto ao retornar para a escola e não terem mais esses espaços para a socialização. Em 06 de maio de 2021, no encontro virtual com a turma de quinto ano da professora Joceane, muitas crianças relataram já ter contraído o vírus da Covid-19, inclusive uma delas estava com a mãe em isolamento por causa da doença, o que implicou passar o dia das mães sem poder dar o abraço de feliz dia das mães, sem poder olhar a mãe nos olhos por dias, sem poder sentir o cheiro materno, sem poder desfrutar momentos entre filho e mãe e com a presença do medo que a situação causava.

Figura 4 - Saudade do recreio



Fonte: Acervo da profª Joceane.

As crianças demonstraram saudade da escola, de seus professores (mesmo não os conhecendo), saudade dos colegas, de brincar e de participar das atividades, elas também expressam o desejo de aprender, pois entendem a escola como o lugar do saber sistematizado.

Em sala de aula, a ânsia de aprender a escrever atravessa o aprendizado das letras, vai ao encontro da utilização da escrita como fator social, na produção de bilhetinhos trocados “escondidos”, como forma de comunicação urgente, demonstrando a saudade do diálogo, do contato e da interação (AUTORA 2).

Fica marcado esse processo de ressignificação da práxis docente, da importância da sensibilidade, desse ressignificar, “olhar as crianças e revelar crianças, na sua singularidade, é princípio da ação pedagógica do tempo presente” (OSTETTO, 2008, p. 129). Uma ressignificação do olhar, da escuta, da observação que precisamos praticar continuamente como uma de nossas atividades na escola.

Figura 5 - Escola colorida



Fonte: Acervo da profª Joceane.

No mês de novembro de 2021, a Secretaria de Educação da rede municipal de Santa Maria autorizou a volta presencial nas escolas municipais, ainda com restrições

nos protocolos sanitários, porém com a grande expectativa de que a volta reduziria os efeitos negativos que a ausência física da escola havia proporcionado às crianças.

Neste sentido, a volta com turma de anos iniciais foi comemorada pelas crianças, que, ao longo do ano, relataram a falta de estar nos espaços escolares e os reflexos disso nas suas aprendizagens. Para as crianças, esse retorno foi permeado pelos reencontros e trocas, entretanto, a ausência de interações coletivas e em espaços livres tornou a escola ainda conectada ao luto do que era vivido antes da pandemia, tendo em vista que deveriam manter distanciamento social e o uso de máscaras faciais como modo de proteção contra o vírus. As interações em espaços externos ainda não foram possíveis de serem vivenciadas, pois o plano de contingência da escola não permitia.

Os momentos de diálogo entre as crianças motivavam-nas em suas rotinas escolares e isso ia ao encontro de novas descobertas e aprendizagens que somente na escola ocorrem, ainda que saibamos que a aprendizagem ocorre em muitos espaços, há uma especificidade da escola que se evidencia nesses momentos de tanta ausência em que a aprendizagem escolar ficou prejudicada. As interações ocorriam pela troca de olhares mesmo diante das máscaras que, muitas vezes, escondiam sorrisos. Apesar da volta presencial ter sido conquistada pela população com maioria vacinada, havia desafios já sabidos quanto à falta de investimento na educação básica brasileira, o que faz com que, no cotidiano escolar, falem materiais, a infraestrutura não seja a melhor, em que aulas ainda estejam superlotadas, tendo em vista a precariedade dos prédios escolares, muito antigos e sem reformas. Apesar disso, foi possível presenciar e reafirmar a importância que as interações no contexto escolar têm entre as crianças e com suas professoras para a construção da aprendizagem pelas crianças e para o seu desenvolvimento.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos fazer um diálogo entre narrativas de professoras e de crianças para olhar um tempo que consideramos como tempo de luto, com a finalidade de compreender como o enlutamento esteve presente na vida dessas crianças, como a ausência do espaço escolar, interação entre pares e contato com as professoras afetaram-nas.

Observamos e interpretamos os desenhos que as crianças sentiram falta das brincadeiras com os colegas, do momento do recreio, das atividades em grupo, como

na sala de informática, de estar em jogos na quadra de esportes, ou seja, experiências das infâncias. A produção de cultura por parte das crianças parece ter ficado em suspenso pelo período de ensino remoto, experiências silenciadas em meses que pareciam eternos, porque o tempo é também medido pela subjetividade dos sujeitos. Os espaços de brincadeiras ficaram limitados ao ambiente domiciliar e os relacionamentos também eram somente aqueles do dia a dia de casa. A brincadeira com outras crianças ficou limitada por passarem muitos meses somente na presença dos adultos familiares. Neste sentido, o luto apresentou-se de formas distintas nas crianças, mas, principalmente, pela falta de contato com seus pares, em que a escola era um dos espaços mais significativos para as trocas de experiências.

De um período de distanciamento social e isolamento físico, de múltiplas saudades, de muitos lutos, alguns ainda não elaborados e processados suficientemente, é chegado o momento de retomada da vida escolar acompanhada de muitos protocolos sanitários. Esse momento de volta ao espaço escolar permite-nos perceber a alegria das crianças em poderem estar próximas de seus pares e, mesmo mantendo o distanciamento e o contato físico, já conseguem trocar olhares e socializar através de diálogos. Assim, ainda sentimos a ausência dos espaços de interações, como o recreio e a quadra, porém já percebemos que o luto está sendo superado por meio da relação que a troca com o outro pode possibilitar dentro do espaço educativo e, assim, a escola assume, cada vez mais, o seu papel de motivador das transformações que cada indivíduo constrói com a contribuição do outro. Sentir através do olhar os muitos sorrisos escondidos atrás das máscaras e as trocas de olhares entre as crianças, crianças e professoras, experiências de uma retomada da alegria de estarmos juntos.

Referências

- ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BARBOSA, M. C. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/6389>. Acesso em: ago. 2021.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Etapa da Educação Infantil. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Práticas cotidianas na educação infantil**: bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, 2009. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Parecer CNE/CEB n. 20, de 11 de fevereiro de 2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

FARIAS, A. L. G. de; FINCO, D. (Orgs). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FONTES, W. H. de A.; ASSIS, P. C. P. de; SANTOS, E. P. dos; MARANHÃO, T. L. G.; JÚNIOR, J. L.; GADELHA, M. do S. V. Perdas, Mortes e Luto Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Revisão da Literatura. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Crato, v. 14, n. 51, p. 303-317, jul. 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2557>. Acesso em: jan. 2022.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/kBdQgtpCDG9Qc6NFqj3fkg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: out. 2021.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Costa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2022.

KUBLER-ROSS, E. **On death and dying**. New York: Scribner, 1969.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 15-34.

MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MELO, M. do S. N. de. **O conceito de morte**: significações de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

OSTETTO, L. E. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papyrus Editora, 2008, p. 127-138.

SANTA MARIA. Secretaria Municipal de Educação. **Documento Orientador Curricular**. Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/smed/710-documentos>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2003.

Memórias, arte e (re)existências: infâncias em tempos de pandemia de Covid-19 e em outros tempos
Um exercício de escuta e reflexão: O luto, as práticas docentes e as percepções das crianças na pandemia de Covid-19

TEIXEIRA, A. M. P. et. al. **Proposições para a educação infantil durante (e após) a pandemia**: por uma proposta pedagógica que respeite os direitos dos bebês e crianças. 1. ed. Caetité: Observatório da Infância e Educação Infantil - UNEB, 2020.

TOMASI, J. M. Com flores e velas virtuais: as práticas do luto nos cemitérios *on-line* (1994-2011). In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL - ANPUH. **Anais...** Natal, Brasil, 2013. Disponível em:
https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363918292_ARQUIVO_ArtigoJuliaMassuchetiTomasi.pdf. Acesso em: jan. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.